

TRANSITIVIDADE, INTRANSITIVIDADE E VALORES ASPECTUAIS EM PORTUGUÊS E ALEMÃO

MARIA CLOTILDE ALMEIDA *

É objecto do presente trabalho analisar as relações que as frases transitivas e intransitivas estabelecem com o aspecto verbal perfectivo, nomeadamente o perfeito que representa uma perspectiva global da situação¹, e com o aspecto verbal imperfectivo, fundamentalmente o imperfeito que se centra na estrutura interna da situação², remetendo, no entanto, esta relação para o estatuto semântico do sujeito gramatical das estruturas frásicas a analisar.

Entenda-se por frases transitivas, do ponto de vista sintáctico, aquelas em que se regista a presença de um objecto directo *Akkusativobjekt* após o verbo, que na transformação passiva toma o lugar do sujeito *Subjektsnominativ* (HELBIG 1986:53). Assim, segundo o mesmo autor, serão intransitivas as estruturas frásicas que não apresentarem objecto directo em acusativo ou registarem regência preposicional.

Além desta definição sintáctica, podemos ainda ter uma definição semântica, aliás tradicional, sendo a transitividade entendida como uma propriedade de toda a frase, em que a actividade é transferida de um agente para um paciente (HOPPER and THOMPSON 1980:251), ou seja, o executante ou desencadeador afectará de algum modo o objecto ou pessoa que controla.

Na análise de algumas estruturas, se tomarmos em conta simultaneamente a definição sintáctica e a definição semântica da transitividade, verificamos a necessidade de relacionar as frases transitivas com as estruturas frásicas intransitivas.

* Universidade de Lisboa

¹ COMRIE (1976:16).

² *Ibidem*.

Tal ocorre com o grupo de verbos que designámos semanticamente por "pseudo-reflexos"³ e que possuem as seguintes características sintáctico-semânticas:

- a) sujeito não humano, não animado;
- b) não existência de co-referência entre o sujeito e o pronome pseudo-reflexo "se/sich";
- c) relacionamento com estruturas passivas, podendo inclusivamente as estruturas pseudo-reflexas ser designadas por *passivnah* (BRINKER 1969), ou por "passivas reflexas" (H. BRINKMANN — *Die deutsche Sprache* — 1962:222 apud K. BRINKER 1969:1); (BUSCHA 1982;168).

É de notar que excluímos do nosso estudo os pseudo-reflexos modais do tipo "Das Buch liest sich leicht"⁴ e os pseudo-reflexos com complementação adverbial, por exemplo, "Die Schallplatten verkaufen sich gut".

Tomemos, por exemplo, a seguinte frase portuguesa e o seu correlato alemão:

- (1) A porta abriu-se
- (2) Die Tür öffnete sich.

Verificamos que, conforme *a)*, o sujeito é não humano e não animado e que, segundo *b)*, o "se/sich" não é co-referente com o sujeito, não podendo, a nível de estrutura profunda, ser representado por "porta/Tür":

- (3) *A porta abriu a porta
- (4) *Die Tür öffnete die Tür.

A "porta/Tür", conseqüentemente, não detém o controlo da situação, não gera pois energia para se abrir a si própria:

- (5) *A porta abriu-se com a sua força
- (6) *Die Tür öffnete sich mit ihrer Kraft.

³ Esta designação é nossa e não coincide com a concepção de pseudo-reflexo apresentada, entre outros, por SCHROTHN (1976).

⁴ BRINKER (1969); HELBIG (1977).

"Se/sich" também não pode ser, sintáctico-semanticamente substituído, a nível de superfície, por outro nome qualquer:

- (7) *A porta abriu a janela
- (8) *Die Tür öffnete das Fenster.

Estas três restrições provam a ausência de controlo da porta sobre si mesma ou sobre qualquer outro objecto, não sendo, consequentemente, do ponto de vista das funções semânticas, um agente⁵, ou seja, um desencadeador/controlador da acção.

Coloca-se então a hipótese da existência de um possível agente, aliás indiciada em *c*), não sendo, no entanto, viável, no plano sintáctico-semântico, fazer co-ocorrer (1) e (2) com a pessoa do eventual agente:

- (9) *A porta abriu-se pelo Pedro
- (10) *Die Tür öffnete sich durch Pedro ⁶.

Conforme enunciámos em *c*), "se/sich" relaciona-se directamente com as estruturas passivas, mas indirectamente com a pessoa do agente com o qual não pode co-ocorrer. A relação indirecta com a pessoa do agente provém do facto de que "se/sich" não representa o agente em si, mas é um marcador de lugar do objecto directo "porta/Tür" que se encontra deslocado na primeira posição.

Assim, "se/sich" é um indicador de que esta frase aparentemente intransitiva se relaciona com uma frase transitiva através da estrutura passiva.

Consequentemente, relacionaremos (1) e (2) (BUSCHA 1892:168) em primeiro lugar com:

- (11) A porta foi aberta por alguém
- (12) Die Tür wurde geöffnet

e em segundo plano com:

- (13) Alguém abriu a porta
- (14) Jemand hat die Tür geöffnet.

⁵ Definido inicialmente por FILLMORE (1968:24) como *the case of the typically animate perceived instigator of the action identified by the verb*. Esta concepção foi criticada por CRUSE (1973).

⁶ É, no entanto, possível fazer co-ocorrer o paciente "Tür" com a "Force" "Wind", por exemplo, "Die Tür öffnete sich durch den Wind".

A "porta/Tür", não sendo um agente, será certamente um paciente⁷, ou seja precisamente o elemento que está sujeito à acção do agente, mas que, nas estruturas que designámos por pseudo-reflexas, se encontra na primeira posição.

CRANMER (1977:9-10)⁸ refere-se às estruturas por nós designadas por pseudo-reflexas como de intransitividade derivada, ou seja, provenientes sintacticamente de estruturas transitivas, em que não existe alteração do significado lexical, sendo o sujeito do verbo intransitivo idêntico ao objecto do verbo transitivo.

Não querendo abordar as frases reflexas propriamente ditas, remetendo-nos para os trabalhos de BUSCHA (1972) e (1982), entre outros, não podemos deixar de tecer algumas comparações entre as estruturas pseudo-reflexas e as estruturas reflexas.

Estas apresentam características opostas às mencionadas em *a)*, *b)* e *c)*, nomeadamente:

- o sujeito é animado e geralmente humano ⁹
- o sujeito apresenta co-referência com o pronome reflexo "se/sich"⁹
- não há relacionamento, pelo menos directo, com a passiva.

Comparando, embora sucintamente, uma frase reflexa de sujeito humano paciente:

- (15) O João modificou-se com o tempo
- (16) João änderte sich mit der Zeit

com a estrutura nuclear acrescentada da frase pseudo-reflexa enunciada:

- (17) *A porta abriu-se com o tempo
- (18) *Die Tür öffnete sich mit der Zeit,

⁷ FILLMORE (1977:69) define paciente reportando-se ao verbo "break" como "...being the entity which broke".

⁸ *This term (derived intransitivity) coined by Babby (forthcoming) to discuss SJA-verbs is the label which I use for SICH/SJA verbs which are derived from transitive verbs syntactically, that is, they involve no change in lexical meaning.*

⁹ BUSCHA (1982:168).

registamos que sobre os sujeitos humanos pacientes das frases reflexas podem agir circunstâncias externas como, por exemplo, a acção do tempo, enquanto que sobre os pacientes não humanos, não animados do exemplo mencionado agirão fundamentalmente, embora não em exclusivo, os seres humanos. Não excluimos também a hipótese de tal se relacionar com o valor semântico do lexema "öffnen" mais pontual do que "ändern".

Citaremos ainda um outro exemplo de um pseudo-reflexo:

- (19) O copo partiu-se
- (20) Das Glas zerbrach.

Em primeiro lugar ressaltam algumas diferenças formais em relação ao português. Em alemão, não existe o marcador de lugar referente ao objecto directo deslocado, ao passo que, em português, aquele se mantém. Este facto poderá atribuir-se a uma maior sensibilidade semântica lexemática, "Aktionsart", do alemão à diferença entre os transitivos-causativos¹⁰ "abrir/öffnen" e "partir/zerbrechen", dado que a modificação sobre o objecto é maior no segundo caso".

Para além desta diferença, o seu comportamento sintáctico-semântico revela-se, em toda a linha, idêntico ao exemplo (1) e (2) e até num aspecto ainda não referido, a saber, o tipo semântico dos dois verbos. Ambos são verbos de acção de base (embora, acima, na versão de verbos de processo), como tal necessariamente relacionáveis com a pessoa do agente que não pode ser "copo/Glas".

Sabe-se que os verdadeiros predicados de acção, a saber, aqueles em que um agente exerce uma modificação física sobre um objecto, ocorrem, fundamentalmente, em estruturas transitivas (PLANK 1980:4 apud HAWKINS 1986:23)¹¹, como tal poderemos relacionar as estruturas intransitivas apresentadas, mais uma vez, com a construção transitiva:

- (21) Alguém partiu o copo
- (22) Jemand hat das Glas zerbrochen.

Já vimos quais as relações que se estabelecem entre as construções pseudo-reflexas, também denominadas de intransitividade derivada, e as

¹⁰ ROSENCREN (1978:384)

¹¹ *Objects may be differentiated according to the degree of semantic transitivity of the clause they occur (Hopper and Thompson 1980) where clausal transitivity is a complex property referring to factors such as kind of predicate (action predicates being more transitive, than say, experiencer or state predicates).*

frases transitivas por relação com as funções semânticas de agente e de paciente. Passemos à distinção entre as construções transitivas e as construções intransitivas com base nas funções semânticas referidas, e sobretudo em articulação com o aspecto verbal perfectivo e imperfectivo.

Detectámos a incompatibilidade das estruturas estudadas com o aspecto verbal imperfectivo em geral, e, em particular, com o imperfeito do indicativo, notória em português, naturalmente em situações de enquadramento temporal, dado que o imperfeito é um tempo de enquadramento (RI. FONSECA 1982:87)¹².

Consideramos, pois, inaceitáveis:

(23) *O copo partia-se quando eu cheguei

(24) *O papel rasgava-se quando eu cheguei

sendo, no entanto, possível:

(25) O João partia o copo quando eu cheguei

(26) A Maria rasgava o papel quando eu cheguei.

É a natureza semântica do sujeito paciente e a sua colocação na primeira posição que impede a articulação com o imperfeito do indicativo (23) e (24) e que a faculta em (25) e (26), em que o sujeito é o executante e o controlador sobre o objecto.

Se fizermos co-ocorrer a perífrase aspectual durativa com a predicação base dos exemplos referidos (23) e (24)¹³ verificamos igualmente uma compatibilidade:

(27) O João estava a partir o copo (quando eu cheguei)

(28) A Maria estava a rasgar o papel (quando eu cheguei)

Se colocarmos o paciente "papel/copo"/"Papier/Glas" em sujeito registamos a improcedência das frases:

(29) *O copo estava a partir-se (quando eu cheguei)

(30) *O papel estava a rasgar-se (quando eu cheguei).

¹² (PR) ... e (IMP)... marcam uma relação temporal de coincidência com o ponto de referência representado pela própria situação de enunciação, no caso do IMP (coincidência com o ponto de referência comido no enunciado).

¹³ É de notar que a perífrase não necessita de enquadramento temporal, daí que, nos exemplos que seguem (27) e (28), (29) e (30), a frase "quando eu cheguei" se encontre entre parênteses.

Assim se confirma a constatação de Scott DELANCEY (1982:167) de que o aspecto imperfectivo está predominantemente associado à noção de agente e o perfectivo à noção de paciente. De novo salientamos que é condição obrigatória que, no caso dos pseudo-reflexos estudados, os pacientes sejam não humanos.

Não sendo o agente mencionado, mas apenas o paciente, não poderemos perspectivar a acção em desenvolvimento mas apenas na globalidade, com ênfase na fase final, no resultado, uma das características semânticas do perfeito (COMRIE 1976:56-58):

(31) O papel rasgou-se.

Reafirmamos que a apresentação da acção em desenvolvimento terá relações estreitas com o controlo da mesma exercido pela pessoa de um agente.

Voltando ao alemão, tanto é possível equacionarmos em representação do passado o exemplo (20) do "Präteritum" como o exemplo seguinte do "Perfekt":

(20') Das Glas ist zerbrochen¹⁴.

Utilizando ainda um outro exemplo:

(32) Das Papier zerriß

(32') Das Papier ist zerrissen¹⁴.

Tal é possível dado que, em alemão, não existe oposição aspectual entre o aspecto verbal perfectivo e o imperfectivo, enformados no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito do indicativo, sendo, entre outras, uma questão estilística ou regional (B. SIEBERG 1985:14-16).

Mas, se nos socorrermos do *escopo máximo da duratividade* (M. C. ALMEIDA 1986), a saber, da perífrase aspectual durativa alemã "dabeisein zu" verificamos que é impossível a transmissão de um significado durativo com o paciente "Glas/Papier" na posição de sujeito:

(33) Das Glas war dabei zu zerbrechen

(34) Das Papier war dabei zu zerreißen.

¹⁴ Não é por acaso que esta forma perfectiva pode igualmente representar a "Zustandspassiv" que possui significado resultativo.

As frases remetem-nos antes para um valor aspectual iminencial, algo que ainda não ocorreu, mas que vai acontecer, uma pré-ocorrência.

Não se aceita em (33) e (34) a concepção da extensão no tempo de um processo que se concebe como concluso. O aspecto concluso é transmitido pela relação do tempo passado com o verbo de prefixo "zer-" claramente indicador de concretização em (20), (20'), (32) e (32') (ZIFONUN 1973:140).

Também em alemão a perífrase aspectual durativa em conjugação com um verbo pleno nos remete para a pessoa de um agente, alguém que empreende uma acção em extensão e controlo:

- (35) Peter war dabei, das Glas zu zerbrechen
 (36) Maria war dabei, das Papier zu zerreißen.

Ainda com base na chamada de atenção para as estruturas verbo-nominais durativas em alemão (M. C. ALMEIDA, 1986), ao equacionarmos frases com "paciente+am+estrutura verbo-nominal" registámos a sua não aceitabilidade:

- (37) *Das Glas war am Zerbrechen¹⁵
 (38) *Das Papier war am Zerreißen.

Na realidade, "am", aliada a uma estrutura verbo-nominal, a saber, a um nome deverbal, necessita de um agente expresso, para que a situação possa ser perspectivada extensionalmente (M. C. ALMEIDA 1986) e (KÖRNER 1982).

Em suma, registaram-se as seguintes identidades entre as duas línguas na articulação entre estruturas verbais, funções semânticas e o aspecto verbal:

estruturas	funções semânticas do sujeito	aspecto verbal
intransitiva pseudo-reflexa	paciente	perfectivo
* intransitiva pseudo-reflexa	paciente	imperfectivo
transitiva	agente	perfectivo
transitiva	agente	imperfectivo

Quadro final

¹⁵ KÖRNER (1982) sugere frases do tipo *Er ist (den Brief) am Schreiben* que, embora não pertencendo à língua padrão, comprovam a necessidade da existência de um sujeito agente para as estruturas verbo-nominais.

Verifica-se, em comum às duas línguas, um maior leque de conjugação entre o aspecto verbal e as estruturas transitivas de agente, e maior restrição na articulação entre o aspecto verbal e as estruturas intransitivas de paciente, no quadro dos pseudo-reflexos estudados.

Constataram-se também diferenças quanto à presença do pronome pseudo-reflexo, obrigatório em português, e obrigatório e facultativo em alemão, elucidativas de organização diversa da "Aktionsart".

Concluímos que existe um acentuado paralelismo na articulação entre estruturas sintáticas, funções semânticas e aspecto verbal, apesar da diferente estruturação do sistema aspectual do português e do alemão.

Resta-nos o desafio de alargar este estudo, no futuro, aos pseudo-reflexos modais e, se possível, a outras estruturas linguísticas, no âmbito contrastivo português-alemão.

AGRADECIMENTOS

Expressamos os nossos agradecimentos aos Profs. Drs. Mário Vilela e Erwin Koller pela leitura crítica do presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. C. — *O aspecto como texto posicionado/posicionante*, "Actas do 4.º Colóquio sobre Léxico e Sintaxe comparados das Línguas Românicas", Lisboa, 1985 (no prelo).
- ALMEIDA, M. C. — *Macro/microposicionamento nas dimensões temporais/aspectuais*, "1.ª Jornadas de Sociolinguística", Lisboa, Fac. de Letras, 1985.
- ALMEIDA, M. C. — *O aspecto verbal como texto posicionado/posicionante em português e alemão*, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva. Lisboa, 1986.
- ALMEIDA, M. C. — *Alemão e Português — que identidades?*, "Actas do 4.º Encontro da APPA (Associação Portuguesa de Professores de Alemão)", Lisboa, 1987, pp. 26-33.
- ALMEIDA, M. C. — *Discurso esquizofrénico e estatividade: análise de um caso*, "Actas do 3.º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (1987)", Lisboa, 1988, pp. 473-485.
- ALMEIDA, M. C. — *"O Professor está a trabalhar connosco": visão sintáctica e pragmática da perífrase aspectual durativa*, "Actas do Encontro Regional da Associação Portuguesa de Linguística dedicado ao Prof. Lindley Cintra (1988)", Lisboa (no prelo).
- BRINKER, K. — *Zum Problem der angeblich passivnahen Reflexivkonstruktionen in der deutschen Gegenwartssprache*, "Muttersprache" 79, 1969, p. 1-11.
- BUSCHA, J. — *Zur Wortklassenbildung der Reflexive in der deutschen Gegenwartssprache*, "DaF" 9, 1972, pp. 151-9.
- BUSCHA, J. — *Reflexive Forme, reflexive Konstruktionen*, "DaF" 19, 1982, pp. 167-174.
- BUSSE, W. — *Klasse, Transitivität, Valenz*, München, W. Fink, 1974.
- BUSSE, W., VILELA, M. — *Gramática de valências*, Coimbra, Almedina, 1986.
- COMRIE, B. — *Aspect*, Cambridge, C.U.P., 1976.

- CRANMER, D. — *Derived intransitivity: a contrastive analysis of certain reflexive verbs in German, Russian and English*, Tübingen, Niemeyer, 1977.
- CRUSE, D. A. — *Some thoughts on agentivity*, "JL" 9, 1973, p. 11-23.
- DAHL, O. — *Tense and aspect systems*, London, Blackwell, 1985.
- DELANCEY, S. — *Aspect, transitivity and viewpoint*, HOPPER, P. (ed.) — *Tense-Aspect between semantics and pragmatics* — Amsterdam, J. Benjamins, 1982, p. 167-183.
- FONSECA, F. I. — *Perfeito e pretérito e a teoria dos níveis da enunciação*, "Biblos" 58, Coimbra, 1982, p. 75-97.
- HAWKINS, J. — *A Comparative typology of English and German*, London, Croom Helm, 1986.
- HELBIG, G. — *Zur semantischen Beschreibung des Passivs und anderer passivischen Formen*, HELBIG, G. (ed.) — *Probleme der Bedeutung und der Kombinierbarkeit im Deutschen* — Leipzig, 1977, p. 187-209.
- HELBIG, G., BUSCHA, J. — *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*, 9. Auflage, Leipzig, VEB Verlag Enzyklopädie, 1986.
- HOPPER, P., THOMPSON, S. — *Transitivity in Grammar and Discourse*, "Language" 56, 1980, p. 251-299.
- KÖRNER, K.-H. — *Deutsch für Inländer, zur Korrelation von "er war (den Brief) am Schreiben" mit "was ich noch gesagt haben wollte"*, "Sprache beschreiben und erklären" "Akten des 16. Linguistischen Kolloquiums", Kiel 1981, Band 1, Tübingen, 1982.
- PLANK, F. — *Verbs and objects in semantic agreement: minor differences between English and German that might suggest a major one*, "Journal of Semantics" 3, 1984 p. 305-360.
- ROSENGREN, I. — *Der freie Dativ in einer Kasusgrammatik*, ABRAHAM, W. (ed) - *Valence, semantical case and grammatical relations*, Amsterdam, J. Benjamins, 1978, p. 377-398.
- SIEBERG, B. — *Perfekt und Imperfekt in der gesprochenen Sprache*, Inaugural Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde, R. Friedrich-Wilhelms-Universität, Bonn, 1984.
- SCHROTEN, J. — *Structure constraints on Portuguese pseudo-reflexive sentences*, SCHMIDT-RADEFELDT, J. (ed.) — *Readings in Portuguese Linguistics*, Amsterdam, North Holland, 1976, p. 139-155.
- ZIFONUN, G. — *Zur Theorie der Wortbildung am Beispiel deutscher Präfixverben*, München, Hueber, 1973.